

A genealogia, ou o "estudo e ramificação das famílias", veio para o Brasil trazida da ~~Portugal~~ Europa, onde já de tempos imemoriais, absorvia a atenção e o interesse, não só da fidalguia na exibição de seus títulos e honrarias, como no homem comum, no sentimento de união familiar, no amor entre antepassados e descendentes, na amizade de parentes colaterais unidos pela ~~comunidade~~ ^{comunidade} do sangue e bem querer do convívio.

É ~~o~~ mesmo ^{de} se admirar como esta matéria ^(também no Brasil) empolga e marca familiares que se distinguem na apreciação do assunto genealógico, como eu mesmo, desde os meus catorze anos, fui levado a estas cogitações e sem que ninguém tenha tido o cuidado de me encaminhar a elas, e como vejo hoje na família de minha mãe o surgimento de novos aficionados pela matéria, mesmo sem influência de seus íntimos.

É o grande genealogista ~~br~~ Luis Gonzaga da Silva Leme teve oportunidade de registrar a colaboração

e, ao mesmo tempo reduzir sua população de judeus, estabeleceram que o judeu que abjurasse de sua doutrina antecristã e que fosse batizado, deixando o seu judaísmo teria iguais direitos das populações cristãs.

Muitos se beneficiaram com esta legislação: eram batizados cristamente, adotando nomes cristãos, geralmente nomes dos seus próprios padrunhos que eles, com dificuldades, conseguiam

Depois, os escravos negros ~~se~~ cujos nomes eram "Fulano escravo do Cap. Siciano", libertos pelo "Teze de maio" não poderiam mais assinar assim e passaram a usar o sobrenome do seu último senhor, como o mestre Tito, 1º construtor de Igreja de São Benedito. Fuz, liberto, passou a assinar Tito de Camargo Andrade, apelido este último que ficou na sua descendência.

Então, ~~para~~ honestamente se usar um braço, é necessário conhecer a verdadeira origem dos nomes de família, com pesquisas de autoridades no assunto.

Daí, ~~então, tem~~ ^{termos} proposto ao Instituto Genealógico Brasileiro, a criação de um órgão específico no Instituto, para que braços